

UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE LETRAS



# CONIMBRIGA



VOLUME XXXVII – 1998

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

- No entanto, ao citar (p. 145, nota 28) uma comunicação apresentada em *Epigrafia e Antichità* 12 (p. 237-259), não resistiu a colocar (sic) (como eu acabo de fazer acima em relação a Alarcão) na palavra “occidente”, “occident” no original francês que o revisor, italiano, por gralha tipográfica deixou inadvertidamente passar.

Mas, de um modo geral, estes relatórios da Prof. Carmen Castillo primam pelo rigor e, até, por um certo sentido de antecipação, como no caso do segundo Bronze de Botorrita (p. 151).

E fazemos votos de que, apesar de não ter participado no Congresso de Roma, haja também preparado para a *Emerita* o balanço da actividade epigráfica peninsular de 1993 a 1997.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Patrick LE ROUX, *Romains d'Espagne*. Armand Colin, Paris, 1995, 182 p. ISBN: 2-200-21593-2

O subtítulo faz a diferença: “Cités & politique dans les provinces: II<sup>e</sup> siècle av. J. C. - III<sup>e</sup> siècle ap. J. C.”

Na verdade, a perspectiva, aqui, não é predominantemente a arqueológica, como no caso da *Hispania Romana* de Simon J. Keay (Editorial AUSA, Barcelona, 1988); nem a político-administrativa de Antonio Tovar e José Maria Blázquez (*Historia de la Hispania Romana - La Península Ibérica desde 218 a. C. hasta el siglo V*, Alianza Editorial, Madrid, 1975) ou de L. A. Curchin (*Roman Spain Conquest and Assimilation*, Londres, 1991). A Patrick Le Roux interessaram, sobremaneira, as gentes: quem eram, o que pensavam, que fizeram invasores e indígenas, como se concretizou a aculturação, como se deu a aprendizagem, que conflitos, que manigâncias...

Quase 200 páginas densas, como o são habitualmente os escritos de Le Roux, onde uma análise de pormenor tende para a síntese, argumentada, vestida inclusive de bonita roupagem literária, como convém.

Obra de panorâmicas, é-o também texto de consulta - que para isso o Autor pensou nos índices: de fontes (literárias e jurídicas, epigráficas), de nomes próprios, geográfico, de assuntos. E fez bem.

Da bibliografia seleccionou a que mais se enquadrava na temática em apreço. E juntou glossário de termos mais ou menos técnicos (p. 149-153) - que a obra pode cair nas mãos de quem não esteja bem dentro dos assuntos e importa que compreenda a mensagem; e mapas e uma cronologia.

A introdução trata da “toga e da política”, da “identidade e da identificação”.

O capítulo I, que versa a constituição dos territórios (geografias, culturas e

governo), assinala a contribuição da cultura militar, a dimensão indígena e, finalmente, o que chama “a cultura da governação”.

Augusto é a figura principal do capítulo II, enquanto “gestor dos espaços ibéricos”: a fundação, os fundamentos (“o estado de espírito augustano”), a construção duradoura.

“As cidades e as comunidades cívicas”, título do capítulo III, onde se trata da difusão do conceito da *civitas* e da sua orgânica; da integração dos indígenas e do que daí resultou, “a civilização municipal”.

O capítulo IV põe em confronto, sugestivamente, duas peças de vestuário carregadas de simbolismo: a toga e a púrpura. Se o poder se encontra longe e o olhar dos imperadores nem sempre se volta para este finisterra; se as províncias, pouco a pouco, acabam por ser um “carrego inglório”; se as cidades - uniformizadas sob a designação vaga de *res publica* - quase tomam a um anonimato, não desprovido de rotinas e conflitos, mas frequentemente espartilhadas, o certo é que - esta, a conclusão - o indígena vai tomar-se o provincial, ainda que a aculturação não haja apresentado em todo o sítio um ritmo sincronizado, ainda que a administração amiúde esteja separada da política, ainda que as “províncias” possam vir a tomar-se, tempos depois, outras tantas “pátrias”...

Interessará, depois deste relancear pelo conteúdo do livro, voltar à primeira página, ao “avant-propos”, onde Patrick Le Roux confessa as suas intenções: não é um manual, não é uma tese. Destina-se a todos aqueles que, passeando-se, um dia, pelas terras hispânicas (a escolha do termo *Espagne* é, segundo o Autor, mera questão de conveniência, porque vai falar de Espanha e de Portugal), ficaram sensibilizados pelos vestígios do passado romano e sentiram uma vontade irresistível de virem a saber mais dos seus antigos habitantes. “Ensaio de carácter científico”, *Les Romains d'Espagne* “é fruto duma reflexão livre que, sem menosprezar as exigências da emdição e da boa construção histórica, não ignora que a imaginação e a interpretação bem compreendidas são utensílios indispensáveis ao historiador” (p. 5).

A tese de doutoramento de Patrick Le Roux focou a acção do exército romano na Península Ibérica, entendendo-a como um dos processos mais originais de provincialização do Ocidente (*L'Armée Romaine et l'Organisation des Provinces Ibériques d'Auguste à l'Invasion de 409*, Paris, 1982). Esse, o motivo que o leva a dizer (p. 6) que seguiu a sugestão de Cícero: “Que as armas cedam o lugar à toga!”. Depois do exército, a síntese sobre os habitantes, uma síntese que se legitima por ser apenas o veículo para “melhor prosseguir na análise” (*ibidem*).

Fruto das incursões que, ultimamente, o Autor tem feito na problemática da municipalização, da outorga do direito latino; alicerçada na constante leitura e (re)interpretação das epígrafes peninsulares (mormente dos inúmeros bronzes

descobertos nesta década) - esta obra de Patrick Le Roux vem preencher uma lacuna que se fazia sentir.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

*Corpus Inscriptionum Latinarum. Consilio et auctoritate Academiae Scientiarum Berolinensis et Brandenburgensis editum. Vol. II (editio altera): Inscriptiones Hispaniae Latinae. Pars XIV: Conventus Tarraconensis. Fasciculus Primus: Pars Meridionalis Conventus Tarraconensis.* Gualterus de Gruyter et Socii, Berolini - Nov. Eboraci, 1995. XXX + 167 pp.; 13 *tabulae* de fotografias; 4 mapas; 9 microfichas, num sobrescrito inserto no final do volume contendo as fotografias dos monumentos existentes.

ISBN: 3-11-014304-6.

Trata-se do primeiro fascículo que marca o arranque da nova edição do *corpus* das inscrições latinas da Península Ibérica, feito, há mais de um século, por Emílio Hübner, sob os auspícios da Academia de Ciências de Berlim.

Já saiu o segundo fascículo (CILII<sup>2</sup>/7), dedicado ao *conventus Cordubensis*, da responsabilidade de Armin S. Sty low, e sobre ele pude tecer algumas considerações no *Archivo Español de Arqueología* (70 1997 317-319).

Dedicado a Herbert Nesselhauf por ocasião do seu 85º aniversário, o volume é da responsabilidade de Géza Alföldy, Manfred Clauss e Marc Mayer (que assinam o prefácio), coadjuvados por Josep Corell, Francisco Beltrán, Georges Fabre, Francisco Marco e Isabel Rodà. Géza Alföldy - cuja actividade epigráfica no território da Tarraconense é de todos conhecida - encarregou-se de redigir o prefácio de enquadramento histórico de todo o *conventus* (pp. XIII-XIV) e da sua região meridional (pp. XV-XVI), que constitui o fulcro deste fascículo - textos que deverão ser acompanhados pela observação dos circunstanciados mapas insertos no final, sobre Valência, Sagunto, Tortosa e a região meridional do *conventus* no seu conjunto.

Os textos autênticos (antecedidos pela relação dos miliários e pelos falsos ou de outra origem mas que algum dia foram relacionados com a zona) estão agrupados de acordo com as divisões territoriais antigas (distinguindo-se os textos provenientes das áreas urbanas propriamente ditas dos que se encontraram nas proximidades ou nos respectivos *agri*):

- *Valentia*: pp. 1-26, inscrições nºs 1-120a;
- *Edeta sive Liria*: pp. 27-45, inscrições nºs 121-230;
- *Jérica et vicinia*: pp. 46-58, inscrições nºs 231-290a;
- *Saguntum*: pp. 59-141, inscrições nºs 291-757b;

*Conimbriga*, 37 (1998) 267-310